

Trânsito e trabalho mais violentos



» PAULO CESAR MARQUES DA SILVA
Professor da Universidade de Brasília (UnB) e pesquisador do Observatório das Metrópoles

Mais que preocupantes, os números da segurança no trânsito do Distrito Federal divulgados, neste mês, pela Agência Brasília são assustadores, em que pese o esforço editorial de destacar a queda de mortes entres ciclistas e pedestres — o que, sem dúvida, é um dado relevante e auspicioso. Todavia, a tendência é outra para as demais categorias de usuários e, para os motociclistas, é uma verdadeira tragédia.

Logo de saída, convém observar o que disse outro dia, no rádio, uma conhecida comentarista de economia quando analisava despesas públicas: números são como crianças em viagem, devem estar sempre acompanhados. No caso do trânsito, sem prejuízo de análises mais sofisticadas, é recomendável a companhia pelo menos de outros números. Isso porque as variações em dados absolutos podem mascarar os reais comportamentos de um fenômeno. É por isso que mesmo os estudos mais simples sobre segurança no trânsito preferem analisar taxas — como o número de óbitos para cada 100 mil habitantes, ou para cada 10 mil veículos — a valores brutos, como o número total de ocorrências.

Se acompanharmos as notícias da forma bruta como elas nos chegam cotidianamente, concluiremos

que o trânsito está cada dia mais violento desde sempre. Mesmo aqueles que já estão há décadas nessa lida têm a tendência de endossar tal percepção. Relembramos, porém, um pouco da história. O ano de 1995 registrou no DF um índice de inacreditáveis 35,5 mortes no trânsito para cada 100 mil habitantes. O valor era tão escandaloso que toda a sociedade se mobilizou, com participação fundamental de veículos de comunicação, como o **Correio Brasileiro** e a TV Globo, e abraçou o programa Paz no Trânsito do então governo Cristovam Buarque, que ficou para sempre marcado pelo respeito à faixa de pedestres e pelo controle e efetiva redução das velocidades. No último ano daquele governo, 1998, o trânsito do DF matou 21,7 pessoas em cada 100 mil habitantes, taxa ainda alta, mas 38,9% menor do que a de três anos antes.

Com algumas oscilações, essa taxa continua caindo e atingiu 7,7 em 2024. Mas o ano passado surpreendeu com 9,0 mortes para cada 100 mil habitantes, um salto inédito de 17,7% em relação ao ano anterior. Os destaques positivos — reduções em 11,1% no número de mortes entre pedestres e em 3,7% entre ciclistas — sem dúvida merecem ser celebrados, embora ainda não estejam claros os motivos da exceção. Entre motociclistas, porém, o número de mortos aumentou inacreditáveis 46,2% em um ano. Variação nessa escala não encontra qualquer precedente na série histórica. É quase 10 vezes a taxa de crescimento da frota de motocicletas no mesmo período, que ficou em 5%.

Muito ainda precisa ser estudado nessas ocorrências para subsidiar intervenções adequadas, sejam elas no sistema viário, nas políticas de fiscalização,

nas campanhas institucionais ou em qualquer outra frente. O que é evidente, porém, é que, no ano passado, o ambiente de circulação na capital federal ficou em geral mais violento, e imensamente mais hostil aos motociclistas. É preciso reconhecer que o crescente envolvimento de motociclistas em sinistros graves é um fenômeno comum a todo o país, não apenas ao DF, e que isso vem merecendo a atenção dos órgãos de trânsito tanto nacionais quanto locais, coisa que se reflete na temática das campanhas educativas.

Enquanto os gestores de trânsito debruçam-se sobre os problemas específicos da segurança na circulação viária, há outra dimensão demandando reflexões honestas e providências urgentes. Trata-se do que muitos colegas vêm tratando por economia da morte, e diz respeito à extrema precarização das condições de trabalho dos motofretistas. A falta de regulamentação da atividade desses profissionais leva-os a desafiar as normas do trânsito — e, aparentemente, até duvidar das leis da física — para cumprir o maior número de entregas no menor prazo possível.

Arautos do neoliberalismo chamam isso de empreendedorismo, e a sedução que o pomposo nome enseja parece uma aliada perfeita para o estado de necessidade de subsistência que precisa ser enfrentado por parcela significativa de jovens, excluídos das possibilidades proporcionadas pela economia formal. Às autoridades das mais diversas áreas de atuação e esferas de poder, no entanto, não cabe render-se à mão invisível que ceifa vidas com tamanha voracidade. Uma economia que tem tal dependência da barbárie não pode caber no que conhecemos por civilização.

Instintos entorpecidos



» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário

Depois do último grito animado de “Feliz ano novo!” daquela noite de passagem de ano, tirando os que não desgrudaram da telinha do celular, os suíços foram dormir tranquilos, à espera de um novo ano melhor que o anterior, alheios ao drama que se desenrolava por aquelas horas.

Em Crans-Montana, localidade de montanha muito apreciada por visitantes em busca de neve, esqui e diversão noturna, o Bar Constellation era o ponto de encontro de uma clientela de adolescentes e jovens adultos. Embora os menores de 16 anos nem tivessem autorização para tomar bebida alcoólica, a maior parte dos frequentadores costumava ter entre 15 e 18 anos. Estavam todos no desabruchar da vida, o que só faz potencializar o horror do que estava prestes a acontecer naquela noite de ano-bom.

O local se encontra num subsolo. (Chamá-lo de porão não cai bem, daí a preferência pelo eufemismo.) É preciso descer uma escadaria íngreme para chegar ao salão, de pé direito relativamente baixo, sem janelas que deem para o exterior. É impossível saber quantas pessoas estavam ali na passagem do ano — umas duzentas, daí pra cima. Gente atraí gente, e o fluxo de clientes só cessou quando o porteiro, lá em cima, avisou que estava lotado.

No momento de servir garrafas de champanhe, o Constellation mantinha um peculiar costume — e parece não ser o único estabelecimento a fazê-lo. Em volta do gargalo da garrafa ainda não aberta, amarravam velas acesas soltando faíscas. Hábito festivo, sem dúvida, mas a ser usado com parcimônia e extrema precaução. Em ambiente fechado, mormente num subsolo insonorizado, seu uso deveria ser proscrito.

Para coroar a insensatez, os proprietários do bar incitavam a garçonzete a trazer as garrafas sentada sobre os ombros de um colega masculino. Deixemos de lado considerações do tipo “exploração de funcionário”, que não é o momento. Agora, imagine vosmecê: local abarrotado de clientes, pé direito não muito elevado, teto revestido de espuma acústica altamente inflamável, garçonzete de braços erguidos, montada no ombro de um colega, agitando duas garrafas de champanhe com velas de faísca. O que tinha de acontecer, aconteceu.

Uma primeira placa de espuma se incendiou. Depois, outra. E, logo, mais uma. Em outros tempos, isso bastaria para uma descarga de adrenalina que fizesse a clientela correr dali mais rápido que o incêndio. Difícil dizer se, nesse tropel, algum cliente se teria salvo, mas, pelo menos, teriam tido uns segundos a mais para se por em abrigo. Não foi o que se viu.

Os jovens nascidos no século 21, como era o caso de praticamente toda aquela moçada, não funcionam como nós, que já entramos neste século com uma certa idade. Eles nasceram num mundo digitalizado, informatizado, automatizado até enjoar. A chegada da IA reforçou a dependência que as jovens gerações nutrem pelo celular. O telefone tem solução pra tudo: nem precisa pensar, basta clicar.

Pois bem, naqueles segundos que se seguiram à primeira placa incendiada, muito poucos se deram conta do perigo. O reflexo da grande maioria foi dirigir o celular para o começo do incêndio e filmar o evento. Como se sabe, hoje em dia nenhum acontecimento tem existência real se não tiver sido registrado em vídeo, garantia de futuros likes. Parece inacreditável que o hábito de depender do celular para quase tudo tenha amortecido a esse ponto o instinto de sobrevivência. Filmar em vez de correr dali!

Outro costume moderno, que é o de depender de notificações, também teve sua importância no desenrolar do drama. Há notificação em tempo real para tudo: atraso no transporte, enchente, frio, vento, fala de político, grupo de zap da escola. Tudo o que é importante passa pelas notificações. Lá no subsolo do Constellation, naqueles instantes dramáticos, o sininho não tocou. Conclusão da juventude: não deve ser tão grave assim. Podemos continuar filmando, que alguém vai resolver o problema.

Foram 40 mortos e 160 feridos, dos quais 70 ainda estão em hospitais lutando pela sobrevivência. Todos portarão sequelas pelo resto da vida.

Não se pode afirmar que, tivessem reagido mais prontamente, mais vidas teriam sido salvas. Mas é bem possível que sim. De lição, nos resta abrir os olhos de pais e mestres, de todos os que cuidam de formar a Geração Z (Gen-Z), para reavivarem o funcionamento de instintos que andam enevoados e ao deus-dará.



Claudio M. Valentinetti, é tudo verdade



» AURÉLIO MICHILES
Cineasta e documentarista

“Eu era viciado, sim, em Cinema Novo”
(Claudio M. Valentinetti)

31 de Janeiro, dia triste. Perdi um amigo, meu compadre Claudio M. Valentinetti.

Não consigo escrever sobre o Claudio M. Valentinetti sem falar da Lina Bo Bardi, a sua tia. A Lina, foi uma singular e excepcional arquiteta que não somente marcou a arquitetura brasileira, mas também influenciou diversas pessoas que tiveram contato direto com ela, não somente naquilo que se refere a arquitetura, pessoas de diversas áreas das artes e da cultura: Glauber Rocha, Caetano Veloso, Gilberto Gil, José Celso Martinez Corrêa, Maria Bethânia, Helio Eichbauer, Rubens Gerchman, esses são alguns deles.

Estudante de arquitetura na Universidade de Brasília (UnB), tive a sorte de conhecer a Lina Bo Bardi; melhor, a Lina me adotou como amigo. Um dia em São Paulo, início dos anos de 1970, liguei pra ela, que me respondeu: “Venha aqui em casa comer um feijão, tomar uma caipirinha e conhecer o Claudio”. Não fazia ideia de quem era a figura, mas, quando

entrei na Casa de Vidro-Morumbi, ali estava o Claudio, sobrinho, filho da Graziela. Ficamos amigos de cara. Foi um almoço que virou jantar, onde havia descoberto um irmão perdido desde a Amazônia, Milão, Roma, Bahia...

A Lina era recém-formada em arquitetura na Itália, como ela costumava dizer, “tudo se destrói e nada se constrói”. Era a Segunda Guerra, o fascismo impunha uma ditadura odiosa sobre o país, ao mesmo tempo em que caiu em suas mãos a publicação *Brazil builds: architecture new and old, 1652-1942*. Lina descobriu que existia um lugar em que se construiu, e melhor, com uma excelente arquitetura. Após a guerra, ela teve a oportunidade de vir ao Brasil e aqui chegou acompanhada do seu marido, o professor Pietro Maria Bardi. Tudo mudou.

Lina foi uma espécie de “viajante”, aqueles europeus que desembarcaram por aqui, naturalistas, artistas que documentavam flora e fauna e o cotidiano do Brasil no século 19. Aqueles “viajantes”, de alguma forma, tinham o viés do preconceito europeu, ao contrário da Lina, que assimilou, influenciou e foi influenciada. Quando voltava para a Itália, o adolescente Claudio se encantava com aquela tia corajosa e irreverente contando histórias de toda ordem, sobre costumes, sabores e transgressões brasileiras. Foi, daí, sem dúvidas que Claudio já começava a trocar o curso de medicina pelo jornalismo, pensando um dia visitar o país “descoberto” pela tia.

Em um dos seus diários, Lina registrou o encontro que teve com Darcy Ribeiro. Ele lhe havia feito o convite para integrar o corpo docente pioneiro da

UnB, mas, infelizmente, não deu certo. Hoje, visto de um outro ângulo da história, Claudio prefigura e realiza o sonho da sua tia. Curiosamente ou premonitariamente nesse mesmo diário, Lina registra com desenhos a sua participação na locação e nas filmagens de *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha. Anos depois, Claudio fez do Cinema Novo e do Glauber Rocha a sua tese — *Glauber, um olhar europeu* —, infelizmente pouco conhecido no Brasil.

Claudio, igualmente como a sua tia Lina Bo Bardi, adotou o Brasil como a sua pátria de escolha e fazia questão de manter viva a irreverência, o sarcasmo e o humor. Sem dúvida, a sofisticação também foi característica desse brasileiro por opção.

Formado em literatura moderna pela Universidade de Milão em outubro de 1975, com uma tese sobre o Cinema Novo brasileiro, foi crítico de cinema e jornalista. Dedidou uma monografia ao cineasta brasileiro Alberto Cavalcanti, em coautoria com Lorenzo Pellizzari. Claudio também traduziu obras, do espanhol e do português para o italiano, de João Ubaldo Ribeiro, Inacio Loyola Brandão, Márcio Souza, Jorge Amado, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Fernando Pessoa e muitos outros. Publicou livros sobre Eduardo Coutinho, Othon Bastos, Ítala Nandi, Joaquim Pedro de Andrade, Oscar Niemeyer, Orson Welles, Rita Hayworth, Alida Valli ...

Ah, quase esqueci de contar. Claudio e a compa-nheira Erika fazem uma especial aparição no meu filme *Honestino*, e com previsão de estreia nacional em 4 junho.

Compadre, até mais vê.